

---

**Licenciatura Plena em Pedagogia**

---

**Larissa Citrângulo Pereira**

**INFÂNCIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO ATRAVÉS DOS  
DESENHOS ANIMADOS**



Rio Claro  
2009

**LARISSA CITRÂNGULO PEREIRA**

**INFÂNCIA, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO ATRAVÉS DOS DESENHOS  
ANIMADOS**

Orientador: CÉLIA REGINA ROSSI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Instituto de Biociências da Universidade  
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -  
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de  
Licenciada em Pedagogia.

Rio Claro  
2009

371.42 Citrângulo Pereira, Larissa  
C581i Infância, sexualidade e educação através dos desenhos  
animados / Larissa Citrângulo Pereira. - Rio Claro : [s.n.],  
2009  
42 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia)  
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de  
Rio Claro  
Orientador: Célia Regina Rossi

1. Orientação educacional. 2. Crianças - Comportamento  
sexual. 3. Educação e gênero. 4. Corpo. 5. Crianças -  
Desenvolvimento. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP  
Campus de Rio Claro/SP

*Dedico este trabalho ao meu amado filho  
e a minha querida mãe.*

## **AGRADECIMENTOS**

*À Dr<sup>a</sup>. Célia Regina Rossi, a qual tive o privilégio de ter como orientadora pela seriedade e competência, pelo exemplo de profissional cuja fala despertou a busca por realizar este trabalho.*

*Aos colegas de curso pela convivência e pelo aprendizado compartilhado neste curso, onde as discussões ampliaram os horizontes da formação.*

*A Deus pelo dom da vida*

*A minha amada mãe pelas conquistas (inclusive esta) e por não me deixar fraquejar diante das dificuldades, por fortalecer-me nos momentos de fragilidade e por todas as bênçãos que vem possibilitando-me ao decorrer da vida.*

*Ao meu idolatrado filho pela paciência, amor e cooperação.*

*O clima de respeito que nasce das relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Objetivamos discutir a importância do trabalho com a sexualidade infantil para o desenvolvimento global da criança, enquanto sujeito social e historicamente constituído, que usa deste instrumento para expressar vivências e sensações muitas vezes despercebidas pelo olhar adulto. Procuramos enredar um conjunto de reflexões fundamentais sobre as múltiplas possibilidades de manejo teórico e prático das manifestações da sexualidade analisando marcas presentes nos desenhos animados que fazem parte do cotidiano e da educação infantil, ao dissertarmos sobre o conhecimento de corpo que a criança possui e quais suas relações com esse mesmo corpo, tecendo alguns apontamentos sobre a sexualidade como espaço de descobertas, demonstrando a delicadeza que envolve nosso objeto de estudo. No decorrer do percurso deste trabalho de pesquisa, mantemo-nos baseados em estudos do referencial teórico apresentado por: Freud (1997), Camargo e Ribeiro (1999), La Taille (2002) e Souza (1997). Onde o principal propósito é analisar os aspectos educacionais do desenvolvimento da criança tendo como base a análise dos desenhos animados e sua relação com as discussões sobre o tema, inserindo-nos na lacuna deixada pela formação deficitária de educadores no tocante específico ao tema doravante proposto, contribuindo, ao menos em parte, para a melhoria da Educação e dos profissionais que nela atuam.

**Palavras-Chave:** sexualidade – corpo – desenvolvimento – desenhos animados

## ABSTRACT

This article discusses the importance of work with child sexuality for the overall development of children. To them as individuals socially and historically constitutional. Of that uses this instrument to express vivences and sensation. Es often unnoticed by adults look. We seek to ensnare a set of reflex. It's fundamental about the multiples management possibilities you Rich and practical knowledge of the obvious sexuality analyzing brands present in the cartoons that are part of everyday life and education. The child to speak about the body of knowledge that the child to have, and what their relations with the same body, weaving some notes on sexuality and space the discovery, demonstrating the sensitivity surrounding the object of our study. During the course of this research, we remain based on studies of the reference you? Rich presented by: Freud (1997), Camargo and Ribeiro (1999), La Taille (2002) and Souza (1997). Where the main purpose for analyze the educational development of children having as a basis for an Dialysis cartoon that can serve as subside s difficulties in practice teacher, immersing ourselves in the gap left by the way deficit of educators regarding spec. I now proposed to issue, contributing, at least in part, to the improvement of Education and the professionals who work in it.

**Keywords:** sexuality – body – development – cartoons

## SUMÁRIO

|                                                                                                                         |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                 | <b>07</b> |
| <b>1. APONTAMENTOS SOBRE SEXUALIDADE E INFÂNCIA .....</b>                                                               | <b>10</b> |
| 1.1 – Procedimentos Metodológicos .....                                                                                 | 10        |
| 1.1.1 - A Criança e o Conhecimento do Corpo .....                                                                       | 11        |
| 1.2 - Educação Sexual: Ambiente de Descobertas .....                                                                    | 14        |
| 1.3 As Condutas Morais na Formação da Personalidade Infantil<br>e seus Reflexos ao Desenvolvimento da Sexualidade ..... | 18        |
| <b>2. OS PROBLEMAS DA INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE.....</b>                                                             | <b>21</b> |
| 2.1 Lançando o Olhar aos Apontamentos de Freud .....                                                                    | 21        |
| <b>3. OS DESENHOS DE ANIMAÇÃO NA MÍDIA E A SEXUALIDADE<br/>INFANTIL .....</b>                                           | <b>25</b> |
| 3.1 – Escolha dos desenhos animados e a figura de autoridade do adulto..                                                | 27        |
| 3.2 - Desenhos animados e sexualidade: uma análise delicada e<br>necessária .....                                       | 30        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                       | <b>36</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                  | <b>39</b> |



## INTRODUÇÃO

Refletir como a educação sexual, assim como sua relação com os desenhos animados vem sendo trabalhada e discutida dentro e fora do ambiente escolar, é uma proposta que circula em torno da polêmica situação de proibição vinculada à idéia desvirtuada que a sociedade tem de sexualidade.

Ensejamos estudar os subsídios que os educadores (as) têm ou tiveram em sua formação pessoal e profissional para lidarem com um tema tão delicado e que beira as fronteiras da intimidade humana, local difícil de ser penetrado no espaço coletivo denominado escola.

A sexualidade humana é um tema inquietante, tanto que o escolhemos como objeto de estudo neste trabalho acadêmico. Porém, reconhecemos que sua abrangência não está restrita apenas às situações escolares. A sexualidade estende-se aos demais espaços sociais, o que torna sua abordagem ainda mais difícil.

Enredar um conjunto de reflexões fundamentais sobre as múltiplas possibilidades de manejo teórico e prático das manifestações da sexualidade no cotidiano escolar é o objetivo de nosso primeiro capítulo, em que dissertamos sobre o conhecimento de corpo que a criança possui e quais suas relações com esse mesmo corpo. Tecemos, além do mais, alguns apontamentos sobre a educação sexual como espaço de descobertas.

Objetivamos discutir sobre a questão da descoberta da sexualidade de crianças e adolescentes e os limites de seus corpos sem desconsiderar o papel atribuído à escola e as diferenças culturais e familiares. Sabendo do

constrangimento que o tema desperta tanto na esfera familiar quanto na escolar, acreditamos ser importante estar levantando e fundamentando uma discussão com exemplos de vivências colhidos ao longo da experiência educacional que temos para contribuir para uma melhor compreensão do tema e, conseqüentemente, ao desenvolvimento das crianças.

Cientes de que os desenhos animados vêm sendo cada vez mais utilizados e inseridos na rotina infantil, tanto em termos pedagógicos quanto na educação familiar, buscamos analisar e interpretar algumas produções de sentidos acerca da sexualidade presentes nessas animações e estas podem interferir na escolha e intenção do produto que as crianças consomem.

A autonomia está intimamente ligada à percepção positiva que o sujeito tem de si. Se a escola oferece um ambiente cerceador, tal quais as demais esferas sociais, será mais fácil para este transgredir tal como faz fora do ambiente escolar. Porém, se lhes são apresentadas regras e contrapontos a estas mesmas regras, o sujeito é intimamente convidado a refletir sobre a própria conduta e, conseqüentemente, sobre sua própria concepção de limite, além do rumo que deverá seguir para conviver socialmente.

Acreditamos, nestes moldes, estarmos apontando a sexualidade como algo passível de ser feito de forma responsável, saudável e não traumática e sem, ao contrário do que se propaga, estimular a atividade sexual, antecipar a idade do primeiro ato sexual e valorizar a construção da autonomia aliada à percepção do necessário respeito por si e pelos demais sujeitos com os quais se relaciona a criança (LA TAILLE, 2002).

Ressaltamos, a título de considerações finais, que a sensualidade é manifestação do comportamento e do pensamento adulto. No entanto, a sexualidade

é algo a ser descoberto pela criança como natural. Desta forma, as intervenções podem ser prejudiciais ou vantajosas ao desenvolvimento saudável da relação criança – sexualidade.

## 1. APONTAMENTOS SOBRE SEXUALIDADE E INFÂNCIA

Percebemos a ausência de tato e direcionamento nos momentos de abordagem de questões relativas à sexualidade. Porém, existe também uma lacuna na formação dos educadores que trabalham com crianças em uma sociedade cada vez mais influenciada pela mídia, que valoriza a sensualidade e o apelo erótico e sexual, e não se atenta ao conhecimento do próprio corpo e o respeito a ele.

Pensar neste contexto nos leva a abordar esse necessário conhecimento do corpo, de suas possibilidades e das situações onde se deve – ou não posicionar-se frente às situações invasivas tão presentes em nosso cotidiano. Possibilitar um ambiente de confiança é ideal para que o sujeito sinta-se à vontade para expressar suas dúvidas sobre as mudanças corporais. Mas para que isto ocorra, é necessário olhar também para o professor que, educado em época diferente, não tem tanta facilidade para tratar de assuntos relativos à sexualidade sem voltá-los ao sexo enquanto conjunção carnal.

Sexualidade é um tema que não atinge apenas a educação de crianças e jovens, mas também a (re) educação dos adultos que lidam com essa nova vertente da formação do indivíduo. Portanto, julgamos pertinente dialogar sobre alguns apontamentos que facilitarão essas reflexões.

### 1.1 - Procedimentos metodológicos

A pesquisa se baseia em uma discussão de cunho social, ou seja, na reflexão de desenhos animados e sua influência na formação de opinião dos sujeitos

acerca da sexualidade humana. Optamos por trabalhar com a metodologia qualitativa e a análise de algumas animações e a sua relação com a formação infantil.

Entendemos que a pesquisa qualitativa tem a função de explorar e explicar fenômenos não abrangidos pela metodologia quantitativa. Neste sentido, embasamo-nos em Neves (1996, p. 1) para afirmar que “enquanto estudos quantitativos procuram seguir com rigor um plano previamente estabelecido (baseado em hipóteses claramente indicadas e variáveis que são objeto de definição operacional)” a pesquisa qualitativa não segue este rigor, mas sim busca encontrar outras vertentes para explicar a questão estudada ou ampliar o leque de opções para explicitar o objeto de trabalho.

A importância desse tipo de pesquisa nos permitiu contato direto com o objeto de estudo, levando-nos a compreender situações pensadas na estruturação do projeto e abrindo precedente para outras explanações – em projetos posteriores – sobre as considerações tecidas sobre a relação sexualidade e infância.

### **1.1.1 - A Criança e o Conhecimento do Corpo**

Vivemos em um espaço educacional em que o corpo e a mente ainda parecem estar desarticulados, tamanha imobilidade à qual a criança está fadada. Acreditamos que a criança que não tem o espaço de seu corpo respeitado não aprende a lidar positivamente com ele e nem a conhecê-lo e, uma vez não mantendo relação positiva com este corpo, pode estar fadada a permitir que outras pessoas ajam de forma abusiva para com sua intimidade.

É neste espaço que julgamos importante tecer conhecimentos sobre o corpo e o respeito a ele já no universo infantil para que a partir deles a criança se conheça e construa saberes em torno de suas possibilidades de relação com o mundo. A criança precisa enxergar-se como parte de um mundo dicotômico em que a falta de informações pode colocá-lo em posição de explorado ou explorador, tanto na questão sexual quanto na das relações sociais que culminam no seu reconhecimento enquanto parte da sociedade e de suas normas de conduta.

A maneira de ver o mundo, e de ver-se parte deste, pode implicar na maneira como a criança vai lidar com a sexualidade quando adulta. Não podemos deixar de considerar a carga de sensualidade que se faz presente na sociedade através dos meios de comunicação, da moda e de outros veículos culturais.

Nesta linha de raciocínio recorreremos a Buitoni (1988) para afirmarmos que ver, enxergar, olhar: o sentido dominante, o sentido dominador. Porém, este ver não necessita ser traduzido em sentido literal. Ver está muito além do simples direcionar dos olhos. Tocar, sentir e saborear também aguçam os sentidos, ou seja, sensibilizam. Tentamos fazer com isto uma alusão ao conhecimento da sexualidade como elo, como um sentido que amplia as potencialidades humanas:

O sentido que precisa se ligar mais aos outros sentidos, o sentido que precisa se ligar mais ao corpo, que precisa se ligar mais ao corpo, que precisa se voltar mais para o próprio corpo. A criança, na ânsia de descobrir mundo, observa tudo. O adulto, mais direcionado, às vezes só enxerga se estiver escrito, só presta atenção aos dizeres de um cartaz, ou se for impresso em jornal ou livro; mas não percebe o que os olhos da criança estão dizendo. (BUITONI, 1988, p. 38).

Percepção é a palavra chave quando tratamos da importância da sexualidade enquanto facilitadora da linguagem corporal das crianças, do aguçar de sentidos. A escola pode funcionar como espaço desencadeador de novas descobertas para que

a criança possa lidar melhor com o próprio corpo e, a partir disso, redescobrir seu espaço nos grupos sociais dos quais faz parte.

Sexualidade não está restrita ao campo das relações sexuais, como parte da aversão ao tema pode sugerir. Estreitar relações com o corpo não precisa estar ligado aos órgãos genitais e o despertar do prazer sexual, mas sim a outras formas de conhecimento como a mobilidade, as expressões artísticas, a música, a dança, caminhos que podem possibilitar uma relação positiva e na construção de uma outra forma de se relacionar com o respeito a si e ao outro, pois o respeito está ligado ao saber sobre limites e possibilidades de cada ser humano.

Conhecer e respeitar estão intimamente ligados com a educação, e trabalhar sexualidade no ambiente escolar demonstra a necessidade de estabelecer este vínculo com o pensar o mundo a partir dos direitos que as crianças têm de viver a própria sexualidade enquanto objeto de conhecimento e não de limitação frente aos (pré) conceitos sociais. Nesta linha de reflexão Camargo e Ribeiro (1999) afirmam que:

A sexualidade humana abrange sentimentos e relacionamentos, aprendizados, reflexões, planejamentos, valores morais e tomadas de decisões. As crianças desde que nascem estão mergulhadas em um sistema de significações sociais e tanto o adulto quanto os seus pares lhes possibilitam o contato com esses significados (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 95).

Quando nos referimos ao conhecimento do próprio corpo como agente mediador para a construção da autonomia e conhecimento sexual da criança, nos remetemos à necessidade de não educá-la para a submissão, haja vista acreditarmos que a submissão – seja em qual esfera for – diminui a capacidade de reação diante das dificuldades e violências, incorrendo em abusos aos quais a criança poderia não se envolver caso tivesse sido habituada a conhecer e perceber

o espaço ocupado por seu corpo nas relações humanas por ela estabelecidas, neste sentido nossas idéias se convergem em função de acreditar que:

Se o conhecimento é utilizado como forma de submissão, faz com que as pessoas aceitem como ato de fé aquilo que não entendem e habituem-se a substituir a razão pela crença. De outra maneira, se o conhecimento for abordado de forma que possibilite a complementação da dimensão cognitiva, lógica e da dimensão simbólica, abre-se um canal para que a criança se constitua na dinâmica interativa (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 95).

A preocupação principal com a orientação sexual na escola não diz respeito diretamente à sensualidade explícita à qual as crianças estão expostas e que passam a ser naturalizadas nas práticas cotidianas, mas sim para a questão do redimensionamento do prazer e dos cuidados necessários para viver a sexualidade sem conotações negativas à formação global do indivíduo. Algumas questões como doenças sexualmente transmissíveis (DST), AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), gravidez precoce e indesejada, aborto, prostituição infantil, etc.; são passíveis de discussão no ambiente escolar por transversalizarem pelo currículo escolar. No entanto, não se deve desconsiderar a dimensão afetiva e psicológica que estas questões carregam consigo e que, de uma forma ou de outra, influenciam na relação que o ser humano tem com o próprio corpo enquanto instrumento de prazer, frustrações e descobertas.

## **1.2 Educação Sexual: Ambiente de Descobertas**

A criança, com o passar do tempo, foi tratada de diferentes formas, bem como sua educação e as questões relativas à sua sexualidade. Por considerarmos que a sexualidade está diretamente ligada à construção da identidade do sujeito, cabe colocarmos que a criança foi tratada por muito tempo como um adulto em miniatura,



o que podemos constatar em fotografias de época através de suas vestimentas e posturas semelhantes as dos adultos.

Da mesma forma em que o adulto pensa um mundo para a criança, organiza suas necessidades e afazeres, existe também um comportamento sexual voltado à educação formal e informal dessa mesma criança. Um exemplo do direcionamento do gênero está expresso nas vestimentas e produtos infantis, tudo muito padronizado em rosa para meninas e com figuras angelicais e cores escuras e tendência à força e esportes para os meninos, inculcando, aos poucos, padrões sociais de sexualidade e comportamentos específicos de cada um dos gêneros.

Camargo e Ribeiro (1999) ressaltam as posturas familiares como uma das condutoras dessa padronização da sexualidade voltada à construção de perfis sexuais nas crianças, mesmo que estas não se importem diretamente com a situação:

O que vigora é a perspectiva adulta, que desconsidera as especificidades da criança, procurando nela o adulto e submetendo-a às suas necessidades. A criança tem sido alvo das normas traçadas pela família, pelos médicos e pelos teóricos da educação, que prescrevem como tratá-la e educá-la, com o objetivo de alcançar a obediência e a docilidade (p. 17).

A apreciação do trabalho com a sexualidade na educação vem através do princípio de conservação do respeito entre os pares, que são as relações desempenhadas entre as diferentes pessoas que compõem a sala de aula. Embora a experimentação e a ludicidade sejam os pontos mais contundentes no desenvolvimento moral de uma criança, percebemos que sua imagem tem sido atrelada a de um adulto. É comum vermos no vestuário e no comportamento das crianças posturas cada vez mais adulta, como a adoção de saltos em calçados infantis e discussões e inserção de programas televisivos destinados ao público

adulto no cotidiano infantil, modificando, mesmo que paulatinamente, suas condutas e posturas sociais.

Com base nas teorias de desenvolvimento sócio-moral e cognitivo de Piaget, a criança necessita, além de alcançar o desenvolvimento cognitivo, desenvolver vínculos afetivos e sociais.

Segundo De Vries e Zan (1998), a construção dos valores morais, no caso o respeito pelo próximo, é um processo gradual. Compreendemos que, embora a criança esteja em um período de conhecimento de si e de seu corpo, ou seja, da construção de sua sexualidade, existem muitas cobranças em torno de seus comportamentos sexuais. A partir disso, destacamos seu posicionamento de que:

As crianças não desenvolvem respeito por outros, a menos que sejam respeitadas. A expressão de respeito do professor pelas crianças faz muito, no sentido de estabelecer a base para a construção do auto-respeito e respeito por outros. O respeito por outros repousa no descentramento intelectual e emocional para levar em conta os pontos de vista de outros. Por meio de incontáveis situações nas quais experienciem simpatia, comunhão e conflitos com outros, as crianças constroem idéias de reciprocidade entre as pessoas. (p. 85).

O ambiente familiar – e também o escolar - necessita seguir estes parâmetros de reciprocidade para que a criança, uma vez ambientada, possa desenvolver senso de moralidade diante das ações que incorrerão em sua formação pessoal, que a acompanharão em sua vida social dentro ou fora da escola, no presente e no futuro.

A resolução de problemas morais e sociais voltados à sexualidade deve fazer parte de um ambiente no qual a criança utilize como recurso para esta mesma resolução o trabalho em grupo. Sua participação é muito importante na formação/organização deste espaço de relações.

Contudo, ressaltam De Vries e Zan (1998) que:

Os adultos determinam a natureza do ambiente sócio-moral no qual a criança pequena vive, através das interações diárias. O ambiente sócio-moral da criança é formado, em grande parte, de incontáveis ações e reações do adulto para com a criança, que formam o relacionamento adulto-criança. As relações com outras crianças também contribuem para o ambiente sócio-moral, mas o adulto freqüentemente estabelece os limites e possibilidades dessas relações. (p. 52).

É necessário, pois, entender que a criança ainda não construiu sua personalidade e encontra-se muito vulnerável às vivências que mantém, sejam estas escolares ou em outras esferas sociais. As ações praticadas pelo professor é um exemplo de conduta moral à criança. Podemos dizer que parte desta construção do reconhecimento e respeito pela sexualidade virá daquilo que observar e vivenciar.

A criança molda-se a partir do exemplo. Se um adulto cobra determinada conduta de uma criança mas pratica uma completamente diferente, a criança poderá agir de forma contrária ao que lhe é solicitado ou passará a dissimular, tal como vê fazer aquele no qual se espelha.

A partir dessa reflexão, cabe colocar que – recebendo referências estáveis – a criança na idade escolar traz consigo características que a conduzem à formação de sua conduta ética e moral que poderá ser voltada à formação de seu posicionamento frente à sexualidade (sua e de seus pares). Daí a necessidade de recorrer a Gesell (1987) para colocar a naturalidade desta criança e relacioná-la à postura escolar, ou seja, como a escola deve colocar-se diante desta condição:

O equilíbrio da criança de cinco anos é estável devido à harmonia perfeita entre as exigências do meio em que vive e as suas próprias necessidades. Ela faz parte do seu meio e o meio também faz parte dela. Pondo a questão nestes termos, é mais fácil discernir as características de seu sentido ético, alias ainda tão recentes e hesitantes que mal podemos classificá-lo como tal. (p. 68).

Refletindo sobre este conceito de equilíbrio, colocamos que o ambiente escolar é parte essencial ao desenvolvimento da personalidade da criança e

necessita, como qualquer outro ambiente, ser harmônico. O autor trata da criança de cinco anos, porém, podemos estender esse pensamento às pessoas de um modo geral – criança, adolescente ou adulto – que reflete sobre a própria sexualidade e que necessita encontrar respostas nas vivências sociais que estabelece com as normas de conduta do grupo ao qual pertence.

Desta forma, faz-se necessário considerar as experiências que a criança vive dentro do ambiente escolar e o quanto, como, e até que ponto, estas experiências conduzem a formação de seu senso moral.

A forma como a criança é percebida pelo adulto e como isto é passado para ela também pode tornar-se agravante na condução de seu crescimento. Nós, adultos, reagimos de determinadas maneiras, adotamos posturas de acordo com a avaliação que nossos pares fazem de nós. Com a criança não é diferente. Condutas discriminatórias, vexatórias ou que demonstrem predileção por uma ou outra opção sexual pode ser confundido com exercício de sexualidade. Acreditamos que a sexualidade é mais uma questão de postura que de convenções sociais a serem passadas às crianças e jovens em formação nas escolas.

Portanto, é fundamental que o professor / adulto perceba a sua importância na formação da criança. Ressaltamos ainda, de maneira insistente, que o exemplo dado por este adulto com o qual a criança passará grande parte de seu tempo, aprendendo e apreendendo conceitos, será importantíssima no modo como a criança se colocará frente à sexualidade que apresentará futuramente.

### **1.3 As Condutas Morais na Formação da Personalidade Infantil e seus Reflexos ao Desenvolvimento da Sexualidade**

Cabe colocar que atitude moral em pouco se relaciona com a obediência coercitiva à qual a criança é fadada na maioria das relações com os adultos. A imagem medieval que se tem de criança como um eterno vir a ser, como um adulto em miniatura, passível de obediência das normas adultas não casa com o perfil de construção, de relacionamentos e desenvolvimento da criança diante da moralidade.

Podemos compreender, com base em Gesell (1987), que, se o adulto tenta dar uma ordem em tom enérgico pode contar com uma reação também enérgica de negação ou aversão por parte da criança. Bons hábitos e obediência não tornam uma criança moral e conhecedora de sua sexualidade. Ao contrário, quando a criança é cerceada, cercada por imposições ou negações, tende a distorcer os princípios morais e a ter dificuldade para lidar com eles em situações necessárias.

Nessa perspectiva, podemos trazer a citação de De Vries e Zan (1998) que diz que uma vez que a criança pequena não pode pensar além do que lhe é observável, os espíritos de muitas regras não pode ser reconhecido.

Uma vez não reconhecendo as regras que lhes são passadas, seu desenvolvimento pode ser distorcido. A partir do momento que o adulto relaciona castigo à moralidade e utiliza de meios punitivos pelo não cumprimento de suas regras morais, a passa a julgar a punição como parte da moralidade a ser seguida por ela.

As experiências compartilhadas vêm em contraponto a este posicionamento da naturalização da punição no desenvolvimento moral da criança. De Vries e Zan (et all) trazem o seguinte posicionamento:

As experiências compartilhadas têm em comum com as estratégias de negociação os níveis desenvolvimentais de adoção de perspectiva, progredindo do egocentrismo e impulsividade para a unilateralidade, depois para a reciprocidade e, finalmente, para a cooperação. (1998, p. 44).

Sair do foco do castigo como padrão de norma para analisar a perspectiva de cooperação e superação do egocentrismo nos faz trabalhar com um perfil de criança adequado, ou seja, de indivíduos que encaram os posicionamentos a serem tomados diante de relações com seus pares pautados em condutas éticas. Como exemplo, temos uma criança que, ao achar determinado objeto muito desejado, devolve-o e, mesmo não tendo consciência da potencialidade moral e ética de sua atitude, estará tornando-se uma criança-moral.

O poder de negociação da criança que vive e presencia conflitos morais é bastante significativo, pois as relações sociais vividas pautam em um direcionamento da valorização do ambiente de cooperação e crescimento através do entendimento interpessoal e das reflexões intrapessoais destes pequenos indivíduos em formação.

Voltando esse posicionamento à sexualidade, um corpo desconhecido pela criança pode vir a ser instrumento de interferências de outras pessoas, já que não tem instrumentos para lidar com as possíveis invasões à sua intimidade e limites corporais, sejam sociais ou pessoais.

## **2. OS PROBLEMAS DA INFORMAÇÃO SOBRE SEXUALIDADE**

Reafirmando a questão de que a geração de pais e educadores que assumem a formação moral e social das crianças às quais nos referimos foi gerada em uma época de mudança nas posturas relativas à sexualidade frente às normas da sociedade. Temos algumas variantes que direcionam os comportamentos que adotamos quando tratamos destas mesmas posturas na educação, seja ela escolarizada ou não.

Somos frutos de uma educação que se estabeleceu no limite entre a proibição do sexo e sua liberação em clima de paz e amor nas décadas de 60 e 70, filhos de pais que foram criados na repressão sexual e que, ao se verem carentes de dar um direcionamento mais liberal aos filhos, não sabem qual postura tomar. Em verdade, nos colocamos em uma tênue linha de experimentação de posturas e direcionamentos de educação diferentes dos doravante tidos como os mais corretos. Portanto, vemos necessidade em buscar amparo e fundamentação em autores e estudos que facilitem, ao menos em parte, este redimensionamento de posturas, visando educar não para a permissividade e banalização sexual, mas sim para a conscientização e valorização do ser humano.

### **2.1 - Lançando o Olhar aos Apontamentos de Freud**

Levando em consideração a conotação voltada à infância como sendo nosso objeto de estudos, optamos por discorrer sobre a sexualidade infantil segundo os pensamentos de Freud. Justificamos essa necessidade para traçarmos um paralelo entre a falta de trato com questões ligadas à curiosidade da criança em relação à

própria sexualidade e as reações do adulto frente algumas manifestações dessa aprendizagem.

Freud (1997) observa que faz parte da opinião popular desconhecer a pulsão sexual (curiosidade instintiva de descoberta sexual aliada ao prazer) como presente na infância, vendo-a como natural na fase denominada puberdade; acrescenta inclusive que:

[...] esse não é um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado e nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. Um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância provavelmente nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes (p. 51).

Podemos comparar esse equívoco como uma forma de isentar a criança da descoberta de sua sexualidade, convencendo que lhe ocorrerá naturalmente sem haver a necessidade de esclarecer as dúvidas e curiosidades da criança sobre seu objeto de descoberta.

Em seu “livro ‘Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade’”, Freud traz uma crítica à “tese da universalidade e da invariabilidade fundamental da manifestação do instinto, bem como a fragilidade e inconsistência dos critérios que serviam de base para distinguir a normalidade da anormalidade” (SOUZA, 1997, p. 15). Para tal, levanta questionamentos em torno da ordem/natureza dessas manifestações, podendo variar da biológica para a estatística ou da social para a moral.

São os aspectos morais e sociais que nos interessam mais propriamente, haja vista que a sexualidade na escola esbarra nessas estruturas: a da constituição social e moral de crenças e normas de condutas reguladoras das posturas do sujeito, aspectos estes, refletidos no posicionamento frente ao desenvolvimento da sexualidade infantil e de suas condutas quando da vida adulta.



O estudo da sexualidade enquanto parte da educação formal vem a desmistificar e a esclarecer alguns tabus em torno da sexualidade infantil. “Estendendo a atividade da pulsão sexual a outras partes do corpo e percebendo sua presença nas atividades adultas normais, Freud considerou a possibilidade de identificar cada uma delas a remanescentes arcaicos da sexualidade infantil” (SOUZA, 1997, p. 16) e essa consideração destitui o caráter impuro atribuído à descoberta do prazer pela criança, não prazer do ato sexual representado pelo coito, mas sim prazer pela descoberta de si, de uma imagem positiva de seu corpo e de suas possibilidades.

Toda forma de conhecimento infantil tem como componente principal o corpo e a mente, pois ambos estão em integração e não separadamente, como se faz nas escolas. Enveredar pelas descobertas da própria sexualidade é a manifestação natural dessa integração.

Trabalhando somente com a mente das crianças, o corpo passa a ser ignorado, deixado de lado, passa a não existir. A educação, que é tão complexa, cheia de desafios e significados para a formação da criança (que é um ser completo de cultura, valor e pensamento), torna-se simplificada e fragmentada.

Seria necessário que as escolas procurassem observar melhor suas crianças para que pudessem integrar o corpo e a mente. Como sugere Freire (1997), “que, a cada início de ano letivo, por ocasião das matrículas, também o corpo das crianças seja matriculado”. (p.14).

A criança não é feita só de mente. Juntamente se encontra o seu corpo, que é responsável por todos os seus atos. É crucial ligarmos corpo-mente para que haja um melhor desenvolvimento escolar e social desta criança.

Souza (1997) condensa a delicadeza do papel da escola na educação do indivíduo, ressaltando inclusive a impotência da instituição frente às crenças e convenções sociais, dizendo que:

Freud dizia que qualquer coisa que se faça, quando se é educador, estará errada. Pois se a escola acolhe demandas sociais múltiplas, contraditórias ou impossíveis, forçosamente fracassará. Se a sociedade estabelece que a educação seja onipotente, condena liminarmente os professores à impotência e justifica sua irresponsabilidade. Os professores não são capazes de produzir futuros adultos felizes na sua vida amorosa; são capazes, no entanto, de ensinar alguns conteúdos, dentro da tradição cultural em que a escola está enraizada (p. 22)

Esse enraizamento de crenças dentro de uma cultura socialmente estabelecida mostra a fragilidade do professor e das relações sociais mantidas dentro da escola diante da educação sexual. Vivemos em uma sociedade sexualmente reprimida, com valores morais construídos ao longo de uma história pautada na religiosidade e em visões de pecados e castigos às manifestações corporais.

Acreditamos, por isso, que o trabalho com a sexualidade humana, despida da conotação sensual, (re) construída aos olhos da sociedade, deverá pautar-se em uma ótica não restritiva das curiosidades infantis, não banalizadora dos conhecimentos que advém dessas curiosidades e não totalitária, com respeito à diversidade de conhecimentos que a educação pode oferecer aos sujeitos.

### **3. OS DESENHOS DE ANIMAÇÃO NA MÍDIA E A SEXUALIDADE INFANTIL**

Os desenhos animados e sua relação com a sexualidade infantil são objetos de estudo deste trabalho, uma vez que são usados em casa e em espaços educativos para ensinar conceitos às crianças e adolescentes. Em algumas situações viram temas de projetos escolares e não deixam de colaborar para a construção de conceitos por parte dos sujeitos, inclusive sobre a sexualidade e relação positiva – ou não – com o próprio corpo.

Cabe ressaltar que, apesar de estarmos permeados pela educação, buscaremos dar um tratamento social, considerando o âmbito extra-escolar, ao papel do desenho e seu foco na sexualidade como uma questão cultural.

Hall (1977) refere que em qualquer cultura, a diversidade de significados é muito grande. Desta forma, poderemos contemplar um ou outro sentido que não expressará uma opinião, mas sim uma discussão com foco formativo da sexualidade.

Refletindo a contemporaneidade, mais especificamente os acontecimentos históricos, sociais e científicos a partir do século XX, podemos perceber a característica marcante deste início de século XX: a propagação rápida de idéias via imprensa ou aceleração da internet. Aparatos tecnológicos foram inventados e aperfeiçoados nos últimos tempos e, notadamente, tornaram-se parte integrante e quase uma extensão das relações sociais do homem.

Diante deste contexto, a mídia assume um caráter pedagógico nas escolas e auxilia a educação dos filhos nos lares, o que, de certa forma, precisa ser melhor compreendido, pois a formação da personalidade é construída por todas as etapas

da educação do sujeito e pode direcionar a formação de opinião sobre o assunto em questão: sexualidade e sua presença na mídia; no caso da infância, via desenhos animados.

Para Fisher (1997) a mídia constrói, multiplica e reforça enunciados próprios, relacionando-se ou não com outros veículos de formação de opinião, fator que nos remete à necessidade de sermos seletivos na indicação, seleção e orientação do uso de desenhos animados como fontes de informação. Afinal, os mesmos não são apenas fontes de entretenimento, mas, assim como outras expressões da mídia, veículos de formação de opinião.

Os desenhos animados vêm funcionando como uma Pedagogia Cultural, ou seja, uma forma de ensinar na e pela mídia (KINDEL, 2003), onde é possível a apresentação de formas de ser homem e de ser mulher, em consonância – ou não – com a intencionalidade do educar.

Duarte (2002) reafirma a existência do potencial educativo nos filmes, tomando como ponto de reflexão a forma como os filmes são vistos e a interpretação que fazem desta prática.

Determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver os filmes, acabam interagindo na produção de saberes, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais. Esse é o maior interesse que o cinema tem para o campo Pedagógico – sua natureza eminentemente pedagógica (p. 19).

Porém, não podemos desconsiderar que homens e mulheres não são passivos diante das mensagens transmitidas, muitas vezes intencionalmente, pela produção cinematográfica, ou das animações, no caso das crianças.

O fato dos desenhos animados terem assumido, cada vez mais, um papel significativo na vida das crianças nos motivou a enveredar pela relação destes com

a sexualidade, pois envolvem a construção de conceitos por parte dos sujeitos que não assistem as produções sem estabelecer relações e produções de sentido.

### **3.1 – Escolha dos desenhos animados e a figura de autoridade do adulto**

As crianças atribuem aos adultos a figuração de autoridade, vêem pais e professores como referência de condutas aceitáveis relativas à sexualidade e pautam suas decisões na imagem de correção vista nas atitudes destes adultos, mesmo que nem sempre as condutas sejam as mais acertadas.

Existe um risco em ter o adulto como modelo: o da formação distorcida. Por isso o adulto refletir antes de tomar determinadas posturas na frente da criança. Futuramente elas poderão servir como espelho na formação da sexualidade destes novos sujeitos.

O respeito unilateral é o mais presente na educação. As crianças têm um grande respeito pelos adultos, mesmo quando a recíproca não é verdadeira. Em algumas situações o adulto impõe este respeito através da coação, recorrendo à premiação ou punição quando suas regras são obedecidas ou não, respaldando e reafirmando a construção de uma consciência sexual distorcida por parte da criança.

Podemos citar como exemplos para esta distorção a sensualização imposta pela mídia, os corpos expostos como mercadorias, violências veladas contra mulheres e crianças, discriminação por opções sexuais tidas como socialmente incompatíveis, etc.

Menin (1996) trata deste assunto levantando a relação mantida entre o egocentrismo da criança e sua necessidade de buscar referência no comportamento adulto:

[...] o que complica ainda mais esta imitação dos pequenos aos grandes é a sua inconsciência: as crianças não percebem que estão imitando os outros porque ainda não se diferenciam desses outros; não conseguem perceber “o que sou eu diferente do que são os outros”. É egocêntrica (MENIN, 1996, p. 51).

Considera-se o egocentrismo como uma incapacidade emocional, social, intelectual e até perceptiva das crianças pequenas; são centradas em si mesmas, não conseguem perceber a existência de pontos de vista diferentes dos seus e não conseguem se colocar no lugar do outro e enxergar as situações de uma perspectiva que não seja a particular.

O reconhecimento da valorização da sexualidade pode transformar a criança – enquanto futuro adulto – em alvo fácil à exploração sexual. Para Piaget (1930), o fenômeno do respeito apresenta uma inegável unidade funcional. Retomando o que dissemos sobre respeito unilateral e respeito mútuo, coloca:

[...] há o respeito que chamaremos de unilateral, porque ele implica uma desigualdade entre aquele que respeita e aquele que é respeitado: o respeito do pequeno pelo grande, da criança pelo adulto, do caçula pelo irmão mais velho [...] implica uma coação inevitável do superior sobre o inferior; é; pois, característico de uma primeira forma de relação social, que nós chamamos de relação de coação (PIAGET, 1930, p. 4).

Sobre respeito mútuo o autor traz a seguinte colocação:

Mas existe, em segundo lugar, o respeito que podemos qualificar de mútuo, porque os indivíduos que estão em contato se consideram como iguais e se respeitam reciprocamente. Esse respeito não implica, assim, nenhuma coação e caracteriza um segundo tipo de relação social, que nós chamamos de relação de cooperação (PIAGET, 1930, p. 5).

Essa cooperação, baseada no respeito mútuo, volta-se à formação de um tipo de consciência diferente para a criança, não mais baseada na coação e torna-se o caminho mais fácil para a construção da autonomia. A coação, no entanto, faz

com a criança permaneça muito mais tempo na heteronomia vindo a comprometê-la enquanto futuro adulto.

O adulto exerce controle sobre o comportamento das crianças, tendo como hábito a compensação por condutas tidas como corretas e a punição àquelas tidas como indesejáveis. Além do mais, favorece um aprendizado através da pressão, subserviência e obediência e não através das regras sociais e morais, como deveria ocorrer.

Nesta mesma linha de pensamento, Assis (1998) trata sobre o desenvolvimento da autonomia da seguinte forma:

Em geral, a autonomia desenvolve-se a partir de relações não coercivas, de reciprocidade e de cooperação. Nesse tipo de relação, a cooperação fundamenta-se no respeito mútuo entre iguais. Pelo contrário, numa relação coerciva, o que ocorre é obediência àquele que detém a autoridade. Esse tipo de relação caracteriza-se pela desigualdade na qual a pessoa menos forte cede aos desejos da mais forte. Para que a criança possa desenvolver sua autonomia é preciso que o poder do adulto seja reduzido ao mínimo (p. 133).

Alguns posicionamentos do adulto podem fazer diferença quando se trata do trabalho com o desenvolvimento da sexualidade de outros sujeitos. Dentro e fora do ambiente escolar, o aluno vive cercado por conflitos e é necessário que sejam oferecidos subsídios para que estes conflitos sejam enfrentados e superados e, desta forma, fazer com que o sujeito pense suas próprias alternativas sem incorrer em riscos e frustrações desnecessárias.

Relacionando essa condição à educação sexual na escola brasileira, trazemos a questão da polêmica que gira em torno da sexualidade, onde “muitos consideram, ainda hoje, a abordagem de questões sexuais na escola como algo não sadio, pois estimularia precocemente a sexualidade da criança e do adolescente” (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 39). Vemos que isto demonstra um aparente

desconhecimento sobre a definição e diferenciação entre as palavras sexualidade e sensualidade.

Cabe colocar que, enquanto a sensualidade encontra termos voltados à luxúria, lascívia e amores às coisas materiais, a sexualidade pode ser compreendida como o conjunto de fenômenos da vida sexual, o que não precisa estar ligada ao coito em si.

A partir desta perspectiva, percebemos que a criança pode trazer consigo um modelo de sexualidade que fica como referência a ser seguida. A sexualidade presente na educação precisa seguir o caminho da orientação e não da tendência a uma ou outra conduta sexual, até por que não é este o objeto de nossos estudos em relação à presença da educação sexual nas unidades escolares e nos diferentes contextos familiares.

### **3.2 - Desenhos animados e sexualidade: uma análise delicada e necessária**

“O poder disciplinar presente na sociedade contemporânea produz corpos dóceis e eficientes mediante os mecanismos que conformam o espírito: regularidade, autoridade, limite, penalidade, culpa e recompensa” (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 33). A escola, assim como outros ambientes sociais, reproduz essas estruturas.

Muitas vezes o trabalho pedagógico pode ser fonte geradora de conflitos e angústias inevitáveis, onde a sexualidade e a formação global dos sujeitos são amplamente discutidas. Estes momentos são altamente positivos para as crianças, pois corrobora para o desenvolvimento e exercício da autonomia e conhecimento



positivo de si. Além do mais, discutir com a criança permite que adentremos em seu universo infantil e em sua forma de olhar o mundo.

A necessidade de analisar o conteúdo transmitido é uma forma de penetrar no universo infantil e na compreensão da formação de conceitos sociais, culturais e sexuais de cada um, já que imagens são figuradas em cada personagem. Sabemos que existe uma intencionalidade nas produções das animações e que esta atinge de uma forma ou de outra, a concepção de homem e mulher dentro da cultura na qual a criança está inserida, tornando a sexualidade algo natural ou não, porém como algo que todos têm que lidar (KINDEL, 2003).

Os desenhos animados, ao longo dos anos, vêm recebendo investimento em pesquisa e tecnologia e temos como exemplos as antigas animações (Tom & Jerry, Pica-Pau, Smurfs, entre outros). Na década de 90 podemos citar como exemplo as da Pixar Studios (Vida de Inseto, Monstros S.A. e Bee Movie).

Diferentemente dos primeiros, os desenhos animados atuais trazem consigo contexto, enredo e cenário que influenciam na interpretação das mensagens do desenho, ampliando as formas de entendimento e construção de significados por parte dos sujeitos que os assistem.

Tomando como base para discussão dos sentidos da sexualidade e a cultura presentes nos exemplos supracitados, podemos trazer conceitos de imagem da mulher, violência marcadamente masculina e questões de gênero implícitas nas falas das personagens.

No caso do desenho animado Tom & Jerry, há a questão marcante da violência, personificada nas personagens do gato e do rato (masculinos). Há, porém em menor grau, a presença da Vovó (feminino) lançando mão do mesmo recurso para separar as constantes brigas. Porém, em se tratando da interpretação das

concepções de sexualidade e construção social de conceitos acerca dela, citemos o fato da senhora ser uma pessoa mal humorada e solitária, tendo como companhia os animais, o que sugeriria uma concepção de mulher na velhice.

Ao seguirmos com a análise, vemos no desenho do Pica-Pau, além da questão de violência, a questão da sensualidade expressa na busca pela conquista do Zeca Urubu por parte do Pica-Pau vestido de mulher. Duas interpretações podem ser feitas a partir disto. A primeira do uso da sensualidade feminina como forma de manipulação do homem e, a segunda, a questão da pseudo-tendência homossexual do pássaro com roupas e gestuais femininos.

O que fazemos no decorrer dessas interpretações são possíveis leituras e não verdades absolutas sobre a intencionalidade de se (re) produzir socialmente tais figurações de homem, mulher e homossexualidade. Até porque, se formos enveredar para a interpretação, notadamente adulta, podemos dizer que o desenho animado dos Smurfs seria sugestivo no campo na poligamia, já que havia apenas uma personagem feminina em meio a vários masculinos.

A questão não é a exata interpretação da criança sobre essas leituras da questão de gênero presente nos desenhos, mas na reação e orientação do adulto, seja ele pai ou educador, sobre as manifestações de interesse em conhecer a sexualidade por parte da criança e as intervenções feitas nesses momentos.

Quando a criança reproduz a cena de um desenho, em situação lúdica, de faz-de-conta, e o adulto reage com o olhar da sensualidade, acaba por chamar a atenção para um ponto que talvez não tivesse sido percebido.

Sequenciando as observações acerca das animações, voltamo-nos a alguns pontos que nos chamaram a atenção nas obras da Pixar Studios. Iniciando pela

“Vida de Inseto”, onde a descoberta da sexualidade é marcante em nossa leitura, destacamos os pontos seguir como forma de visualização:

### **Cena1: Insetos de Circo**

O grupo de insetos circenses é comandado por um pulgão aparentemente mandão frente à platéia formada por moscas desinteressadas no esforço dos artistas durante a apresentação. Em dado momento a joaninha-macho (Francis) recebe insultos da platéia, do tipo “Ô gracinha, quer conhecer a mosca da sua sopa?” e “Ô meu bem, vem com o papai.” Sentindo-se ofendida a joaninha se aproxima argumentando “Então só porque eu sou uma joaninha tenho que ser mulher?”.

### **Cena 2: Salvando a filha da Rainha**

Para salvar a filha da rainha de um ataque de gafanhotos a joaninha-macho acaba machucando o pé e é colocada repousando sob uma flor. As formiguinhas meninas, escoteiras, que a elegem como “madrinha” do grupo, chamando-a de “Dona Francis”, sem dar importância ao fato de ser macho.

**Cena 3: “Mãezona”**

Quando as formiguinhas voltam para visitar Francis e vêem-na brincando com as crianças dizem “Olha, ela é uma mãezona!”.

Ao selecionarmos estas três cenas temos forte a questão de gênero. Ao tratarem a joaninha-macho como sendo fêmea podemos atingir dois pontos distintos. Inicialmente, naturaliza-se a relação com a opção sexual de alguém do sexo masculino percebido como tendo um comportamento atípico àquilo que é esperado socialmente dele ou, por outro lado, o estreitar de características que separam homem de mulher, se atende aos padrões sociais de mulher, logo, é mulher.

A forma como a criança lida com essas informações pode ter relação com a educação recebida em casa ou na escola. Quando a opção sexual é vista com naturalidade, gera aceitação. Por outro lado, quando é colocada essa mesma opção no patamar do “certo e errado”, a conotação pode ser negativa na formação de conceitos sobre sexualidade por parte da criança, interferindo em seu comportamento infantil e, conseqüentemente, adulto.

Partindo para a animação Monstros S.A. temos diferentes conotações que nos levam à troca de papéis sociais. Um deles é o fato de ser uma criança – menina- a ameaçar a cidade de Monstropólis e por ser “maternalmente” adotada por um monstro, ao invés de uma personagem do sexo feminino.

Outra situação interessante de se analisar é a imagem construída para algumas personagens femininas: a chefe de sessão é uma figura amarga e mal humorada, burocrática e que não se rende aos apelos elogiosos feitos pelo personagem Mike sobre sua beleza no dia em que se esqueceu de entregar os documentos no prazo pedido.

A namorada do mesmo personagem (Mike) é, ao mesmo tempo, delicada e carinhosa no tratamento com ele, mas tem seus cabelos como o de Medusa, com cobras nervosas quando a mulher é contrariada. Ambas as descrições nos remetem à uma visão social de mulher dominadora, mas que pode tornar-se angelical, dependendo dos argumentos masculinos.

Partindo para a terceira animação temos a cena, característica dos contos-de-fadas, de amor impossível, protagonizada por uma abelha-macho e uma humana, além da formação de um triângulo amoroso, uma vez que a mulher já possui um parceiro antes da chegada de seu novo amigo.

Todas essas observações se surgiram da busca por elementos da sexualidade nos desenhos animados e cabe-nos chamar a atenção para o fato de que nem sempre isto é visto. Raramente nos atentamos para a escolha do filme a ser oferecido à criança.

Assim como as interpretações do adulto são subjetivas e dependentes de suas vivências sociais e culturais, as das crianças também o são. Portanto, precisamos ter um olhar mais delicado às questões sobre a sexualidade e o universo infantil para que não sejam construídos conceitos deturpados e castradores na educação da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o trabalho com a sexualidade humana enquanto parte das necessidades dos alunos em sala de aula nos leva a refletir sobre a posição do professor diante disso, não apenas sobre como se comporta diante das manifestações dos alunos, mas como volta o planejamento e as metodologias de trabalho para atender as necessidades demonstradas.

Não é novidade que a formação de professores ainda é bastante discutida quando tratam sobre o desenvolvimento do aluno e a produção de conhecimentos. O mesmo não poderia ser diferente no que diz respeito ao espaço a ser conquistado pela sexualidade e as demonstrações de curiosidade em torno dela no cotidiano das aprendizagens desenvolvidas na escola.

Aos educadores cabe, nessa dinâmica exigida pelo imbricamento da escola com os demais espaços sociais, buscar espaço para o processamento, entendimento e tomada de consciência da necessidade de mudança nas múltiplas formas que compreendem e se desdobram no ato de educar.

Trabalhar com o desenvolvimento da sexualidade infantil não é uma tarefa fácil por sermos fruto de uma sociedade alicerçada em moldes de comportamento tradicionais, em que a imagem construída para a mulher é de inferiorização frente à posição social ocupada pelo homem, reflexos que não deixam de repercutir na escola e, conseqüentemente, no trabalho do educador.

Para melhor situarmos nossos estudos sobre a sexualidade infantil no ambiente escolar, necessitamos nos remeter às rotinas existentes dentro da escola. Nela, vemos condições perfeitas para refletirmos sobre a insubordinação – sem intenção de esgotar o assunto – da criança em relação a seus pais e educadores, no

que diz respeito ao conhecimento dos limites e possibilidades do corpo ao qual estão descobrindo de maneira truncada pelas convenções sociais.

Em se tratando dos desenhos animados cotidianamente presentes no universo infantil, acreditamos que o que é social não é a única visão acerca da orientação, mas sim na existência da descontinuidade relativa entre a atividade exploratória da descoberta da sexualidade e a intervenção do adulto, existe uma quebra não menos perceptível entre o respeito unilateral, que caminha a par dessa intervenção e o respeito mútuo que se estabelece pouco a pouco nas relações com aqueles que lhes servem de referência.

A educação sexual e sua relação com os desenhos animados em nada têm semelhança à moralização trazida pelas normas sociais de conduta, pois, tanto no domínio moral, como no intelectual, só possuímos realmente o que conquistamos por nós próprios (PIAGET, 1994, p. 316).

Desta forma, acreditamos que trabalhar a sexualidade dentro das escolas sem esbarrar nas limitações e imposições culturais das pessoas com as quais interagimos (pais, alunos, gestores, professores) é uma tarefa difícil, principalmente levando em consideração o fato da cultura de massa produzir “indivíduos normalizados e normatizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, de valores e de submissão simulada” (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p. 51).

Dessa maneira, o maior desafio à educação é a superação dessa condição de submissão cultural em torno do necessário conhecimento sexual do indivíduo a partir de uma nova relação consigo e com as normas da sociedade na qual está inserido, respeitando mutuamente os espaços das construções individuais e das coletivas.

Acreditamos, portanto, que nosso trabalho se faz pertinente por provocar a reflexão de educadores em torno de um tema que se apresenta polêmico por ainda ser considerado tabu para a maior parte da sociedade.

Considerar as singularidades é respeitar os desejos dos corpos que não ensinam o coito como instrumento de conhecimento de sua condição sexuada, mas demonstrar, através do diálogo, que existe uma diferenciação entre o desejo produzido pela sensualização fabricada pela cultura de massa e o que advém do conhecimento do corpo. Conhecimento, este, que cobra mudanças de conduta da sociedade (seja em respeito às opções sexuais, à empregabilidade e independente de gênero) e da própria educação, um veículo para o auto-conhecimento e emancipação dos indivíduos que participam nessas relações.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BARROSO, L.M.S.** As idéias das crianças e dos adolescentes sobre seus direitos: um estudo evolutivo à luz da Teoria Piagetiana. **Dissertação de Mestrado. UNICAMP: Campinas, 2000.**

**CAMARGO, A M. F e RIBEIRO, C.** Sexualidade e Infância (s). A sexualidade como um tema transversal. **Campinas: Moderna. Editora da UNICAMP, 1999.**

**DE VRIES, R. e ZAN, B.** **A ética na Educação Infantil. O ambiente sócio-moral na escola.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

**DUARTE, R.** **Cinema e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

**FISHER, R.B.** **O estatuto pedagógico da mídia.** Porto Alegre: Educação e Realidade, v. 22, n. 2, 1977, p. 59-79.

**FREIRE, J.B.** **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** São Paulo: Scipione, 1997.

**FREIRE, P.** **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

**FREUD, S.** **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade.** Trad. Corrêa, P.D. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GESELL, A. **A criança dos cinco aos 10 anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo**.

Porto Alegre: Educação e Realidade, v. 22, n. 2, 1977, p. 15-46.

KINDEL, E.A.I. **A natureza do desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas...** Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo: Ática, 2002.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.**

**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8069, Brasília, DF, 1990.**

**PIAGET, J. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus, 1994.**

**SOUZA, M.C.C.C.** Sexo é uma coisa natural? A contribuição da psicanálise para o debate sexualidade / escola. In **AQUINO, J.G.** *Sexualidade na escola. Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus, 1997.